

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Arquipélago*
Autor: Joel Neto
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Marina Costa / Marcador Editora
Fotografia de capa: arquivo pessoal do autor
Fotografia de contracapa: © António Araújo
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-169-8
Depósito legal: 392 286/15

1.ª edição: Maio de 2015

TÁBUA DE PERSONAGENS

OS DRUMONDE

José Artur Drumonde, um homem à procura de algo, e que no fim disporá de uma oportunidade de redenção

André Gouveia Drumonde, filho de José Artur

José Guilherme Drumonde, avô de José Artur e aquele sobre quem recaem as primeiras suspeitas

José Rúben Drumonde, pai de José Artur e filho de José Guilherme, amante de poesia, bem-aventurança e algum *brandy*

Graciete Drumonde, mãe de José Artur e primeira mulher de José Rúben

Maria Edite Drumonde, ou «Mariquinhas», mulher de José Guilherme

Filomena Gouveia, ou «Mena», ex-mulher de José Artur e mãe de André

Ana Bela Drumonde, a flausina, segunda mulher de José Rúben

Papillon, cão e epifania

OS SILVEIRA-GOULART

Deodato Silveira-Goulart, ou Deodato da Aninhas, latifundiário e endireita

Pedro Orlando Silveira-Goulart, também dito Pedro Orlando «Jadeu», um homem desprovido de compaixão

Luísa Bretão, viúva bela e misteriosa, em direcção a cujos afectos José Artur demorará a dar um passo

Maria Rosa, filha dela e comparsa de José Artur, uma maria-rapaz que sabe tudo sobre bicicletas e raças de vacas

Álvaro Augusto Silveira-Goulart, «O Fuso», com cuja boa vontade tudo começou

Tozé Bambela, sobrinho de Deodato Silveira-Goulart, o falecido marido de Luísa

Ana Maria Silveira-Goulart, ou «Aninhas», mulher do Fuso, que virá a desempenhar um papel interessante na história

OS AÇORIANOS

Elias Mão-de-Ferro, um *cowboy* solitário de quem se diz que batia na mulher

Boanova Mão-de-Ferro, a sua falecida

David Mão-de-Ferro, o filho de ambos, também falecido

António Soares, igualmente dito «O Cabrinha», ou «O Careca», taberneiro e piadético

La Salete Soares, filha deste, cozinheira e apaziguadora de solidões

Hildeberto Ligeiro, uma espécie de Burt Reynolds, antigo noivo de La Salete

Elisabete Dutra, também chamada Elisabete «Sarralha», a criança a quem pertencem os ossos

Manuel Jácome Dutra, também dito Jácome «Sarralha», irmão de Elisabete, e que terá sido levado para a América

Ana Maria Linhares, ou Ana «Sarralha», heroína romântica

Manuel Roque Dutra, antigo subchefe da Polícia e marido de Ana

Paulo Jorge Linhares, irmão de Ana «Sarralha» e tio de Elisabete

João Rómulo Cristóvam, motorista de autocarro e conselheiro espiritual

João de Brito Silva Carreiro, o actual «Zanguinha», advogado e homem de gratidão

Ezequiel de Brito Carreiro, o «Zanguinha» original, aventureiro e mártir

Maria Palmira, mãe dos «Zanguinhas», camponesa e viúva sofrida

João de Brito Carreiro, pai dos «Zanguinhas», há muito falecido

Violeta Berquó, Audrey Hepburn na idade a que Audrey Hepburn não logrou chegar, e cujos sapatinhos Oxford não se sujam na terra

Eleutério Toste, chefe da Polícia

Vieira, agente da Polícia

Mário Gil Bettencourt, jornalista

Fernando Estácio, ou «Estacinho», maioral da Quinta dos Fusos

Bodé, surdo-mudo

Luís Webber, feitor e galã

Jacinto Estevinho, mestre de obras

Elvino dos Vimes, cesteiro

Dimas, vendedor de tintas

José Pedro Serrão, engenheiro do Gabinete de Apoio à Reconstrução

Poeiras, antigos vizinhos de José Guilherme

Cândido, pai de Raquel

Raquel, filha de Cândido

Tom Spiker, ortopedista neerlandês

Gudrun Sjödén, estilista sueca

Eng.º Sant'Anna, pretendente de La Salette

Eurico, guarda de São Jorge

Fátima Berbereia, professora de São Jorge

Alvarina Xidoca, mulher que nunca mais prestou

Estopa, um homem com os dentes muito afastados

Rapaz de sapatilhas cor-de-rosa e boné tão amarelo que feria a vista,
mecânico do *Boca de Sapó*

Maturette, o segundo cão de José Artur

Clusiot, o terceiro cão de José Artur

David, o cão de Elias

Gordon Mason, negociante inglês que passou nas ilhas em 1880 e apanhou
um susto dos diabos

OS CONTINENTAIS

Francisco Deusdado, amigo e iconoclasta

Stéphane Braccara Duarte, amigo

Maria Antónia Vasconcellos, ou «Toya», ou «Mitó», um beco sem saída

Avós e Tios de «Toya», uma família da Estrela

Bernarda, tia de «Toya»

João Torcato Salvaterra, professor catedrático e director do Departamento
de História

Óscar Pereira Câmara, o homem cuja reforma trará muitas chatices

Helena Fazendeiro, docente rival do Departamento

Paula, docente estagiária do Departamento

Sr. Acácio, chefe da secretaria da faculdade

Íris, ex-aluna

Catarina, jovem arqueóloga por quem José Artur se apaixonou

Nuno Perestrelo, colega de liceu

Professor Perestrelo, arqueólogo, pai de Nuno

Miguel, antigo colega de faculdade

Fernando Silva, empregado de balcão

Rapariga sem nome, que partilhava o apartamento com «Toya» e tinha de esperar cá fora

Paulo Rui, segundo marido de Mena Gouveia, e que por causa desse des-
plante vai no fim

* Algumas personagens desta história inspiram-se em pessoas que existem ou existiram, e em diferentes casos partilham com elas os nomes, embora quanto às biografias e às impressões tenham sido tomados todos os tipos de ousadia criativa; os lugares são em regra verídicos, à excepção sobretudo da dita «Quinta dos Fusos», que (entre outras liberdades) integra elementos de várias quintas da freguesia da Terra Chã, na ilha Terceira.

ÍNDICE

SEQUÊNCIA 000.	15
PRIMEIRA PARTE	
A terra tremendo-nos debaixo dos pés	19
SEGUNDA PARTE	
As cinco partes de um homem	135
TERCEIRA PARTE	
A conspiração	261
QUARTA PARTE	
Luísa	347
QUINTA PARTE	
Vingança	379
EPÍLOGO	443

SEQUÊNCIA 000.

– **D**eixa-o morrer – disse o velho, e as suas palavras ecoaram como se brotassem do horizonte, das grandes montanhas verdes atrás de mim, com os seus muros em pedra de lava, do mar que arremetia contra o outro lado do molhe.

O menino ergueu os olhos para ele, um instante de silêncio instalado agora entre os dois.

– Coitadinho do melrinho – arriscou, e envolveu com as mãos a ave prostrada sobre a pedra húmida, num último esforço para persuadir o velho.

– Não é um melro. – O pai nem levantou a voz, tão serena e atoadora como de início. – É um cagarro, e eu já te disse que o deixes morrer.

Escorregou-me um pé e reequilibrei-me com dificuldade, temendo ser descoberto. Tornei a agachar-me junto às rochas, os vultos informes de basalto negro separando-me da estreita faixa de cascalho onde, no Verão, os banhistas estendiam as suas toalhas.

A criança fez um gesto suplicante. Ajeitou os dedos em torno do animal, um grande bico amarelo insinuando-se de um tufo de penas cinzentas e castanhas. O velho inspirou devagar, o semblante fechado por detrás das barbas brancas.

– Há muita coisa que podemos aprender com eles, sabes? Pardelas-de-bico-amarelo é como na verdade se chamam. Todos os anos voam

milhares de quilómetros, vindas de África e da América do Sul, para fazer ninho no mesmo lugar onde passaram o Verão anterior.

O mar voltou a atirar-se contra o paredão, o vento soprando a intervalos incertos. O menino baixou os olhos, um crepúsculo precoce anunciando-se ao fundo, para além da neblina que envolvia as ilhas em frente.

O cagarro ergueu-se timidamente sobre as patas. Tentou abrir as longas asas, como se testasse as suas possibilidades. Fechou-as e acorrou-se de novo. Uma rajada fustigou a criança, mas em nenhum momento ela tirou as mãos do pássaro.

– É uma espécie monogâmica. Sabes o que isso quer dizer? – retomou o velho. – Só tem um parceiro durante toda a vida. Vive muitos anos, mais do que certas pessoas.

Aconcheguei-me melhor, as irregularidades da rocha percutindo-me os pés. Tentei segurar-me a uma protuberância que se formava por cima da minha cabeça, como o corno de um rinoceronte, mas o meu corpo era ainda demasiado pequeno. Seixos miúdos rolaram com os meus movimentos, e o seu ruído em cascata fez o menino desviar o rosto na minha direcção, obrigando-me a encolher-me.

O pai manteve-se impassível.

– Ao chegar o fim do Verão, vão-se embora e deixam as crias ao cuidado de si mesmas. Ficam à espera delas do outro lado do mar, e é aí que elas vão ter. – Abriu as mãos. – Está-lhes no sangue. Sabem o oceano, sabem a região e sabem a própria jangada em que os pais se encontram, no meio de outros cagarros ainda, todos agarrados uns aos outros. Só um em cada dez consegue alcançar o seu destino. Muitos morrem pelo caminho, outros nem sequer chegam a sair aqui da ilha. Tentam orientar-se pelas estrelas, à noite, mas confundem-se com as luzes das casas e dos postes eléctricos. Esbarram contra elas e caem inanimadas.

O menino fez um esgar de susto. Engoliu em seco, o olhar dividido entre o velho e a ave aos seus pés.

– Mas este nem sequer está ferido. Ainda pode ir ter com os pais dele. Só precisa de descansar um bocadinho.

O velho meneou a cabeça.

– É a lei da natureza. – E quase foi possível detectar um resto de ternura nas suas palavras. Agucei o ouvido. – Eles têm de voar milhares de quilómetros sobre águas frias e quentes, ao sol e à chuva, com vento de todas as direcções. Se não forem capazes disso, não servem para a vida. Deixa-o morrer.

Afastou-se dois passos e virou-se para trás, à espera de que o filho o acompanhasse, as suas palavras ressoando dentro de mim como tempestades.

A criança soergueu-se, as mãos ainda em volta da ave agachada sobre os seixos. Hesitou. Debruçou-se sobre ela, afagando-lhe a testa pequenina. Pôs-se de pé.

Começou a caminhar na direcção do pai que se afastava, sempre sem tirar os olhos do bicho. Deteve-se e regressou num salto para junto dele, acariciando-o uma última vez.

O vento soprou forte, as ondas do Atlântico Norte, recolhidas por instantes, preparando nova investida. Tudo em redor era agora quietude e abandono.

Então, o velho voltou de rompante para trás, afastou o menino com um empurrão, ergueu alto o joelho e, num movimento seco, esmagou o crânio do pássaro com a sola da bota.

– Já te disse que o deixes morrer.

Agarrou o filho pelo braço e arrastou-o praia fora, sem que, ainda assim, a sua voz sofresse qualquer inflexão.

A terra tremeria poucos meses depois, e de qualquer modo nenhuma das nossas vidas alguma vez tornaria a ser a mesma.

PRIMEIRA PARTE

A terra tremendo-nos debaixo dos pés

«Ele sentou-se e olhou para a ilha. Podia estar a pensar: perecemos, cada um sozinho; ou então podia estar a pensar: alcancei, encontrei. Mas não disse nada.»

Virginia Woolf,
Rumo ao Farol

Capítulo I

Ilha Terceira

2015

001.

Para onde vai a dor? A dor, sim: a dor de alma e a própria dor física. Para onde vão? O que resultará delas?

«Se tudo se transforma noutra coisa», perguntou-se José Artur Drumonde, «no que se transforma a dor, afinal?»

Até que começaram a surgir ossos humanos entre as pedras que os homens iam revolvendo – de início apenas hastes curtas e esguias, a seguir o que pareciam costelas, anéis espinais de diferentes dimensões, um pequeno crânio.

E, no momento em que ele os olhou, delineando um esqueleto de criança, o mundo inteiro converteu-se noutra coisa que não apenas uma farsa encenada a pretexto dos seus fracassos.

002.

Os trabalhadores haviam chegado nessa manhã, carregados de caixas e utensílios. Mesmo assim, tinham partido duas vezes, primeiro porque as ferramentas não eram suficientes e depois porque já não valia a pena começar o trabalho antes da hora de almoço.

A rábula durava há semanas.

– Portanto, arrancamos amanhã, não é assim, senhor Jacinto? – perguntava a cada domingo José Artur, ao telefone.

– Fica descansado, home’, que amanhã a gente estamos aí às oito.

Na segunda-feira, não estava lá ninguém. Nem às oito, nem às nove. Nem às nove e meia. Às dez, José Artur tornava a ligar, já arrastando a voz, como quem ainda não se tivesse decidido entre a conformação e a súplica.

– Está lá, senhor Jacinto?...

– Home’, ainda bem que chamas para mim – respondia o empregado. – Houve aqui uma caldeação com um telhado que caiu em São Mateus.

Se não era uma caldeação com um telhado em São Mateus, era outra coisa qualquer. Nunca perdia a oportunidade de dramatizar.

Até que, naquela segunda-feira, se dera o milagre. Estava José Artur ainda na cama, deitado na mesma posição em que se deixara adormecer, com um livro no colo, quando a campainha tocou.

– Eh, rapaz, esse cão ‘tá amarrado? – gritava lá de baixo o homem, rindo-se. Vinha orgulhoso da sua própria generosidade, uma carrinha de caixa aberta estacionada do outro lado da rua, três operários de pé, com botas de trabalho e rostos sérios, fumando.

– Como é? Ainda ‘tás na cama? Toca a levantar, que é dia de trabalho!

José Artur ergueu-se de um salto, excitado como um adolescente. Ofereceu-lhes café e bolachas. Quase os abraçou.

Depois levou-os numa volta pela casa, recapitulando o trabalho a fazer. Mostrou-lhes o quintal das traseiras, onde seriam plantados um jardim e uma horta. Falou-lhes do telheiro que pretendia construir para arrumar o carro e secar a roupa, a salvo da humorosa meteorologia das ilhas.

No fim, desceram todos à cave.

– Este piso foi uma loja à moda antiga, mais tarde uma garagem e agora é isto que não se percebe muito bem o que seja. Vamos começar por aqui. Quero rasgar estas paredes e fazer um *open space*. – Um dos serventes ergueu uma sobrancelha. – Um salão – corrigiu-se José Artur.

Os trabalhos, como seria de esperar, só se iniciaram passadas horas. Jacinto Estevinho, que já o tinha ido ajudar a reabrir o portão que José Guilherme emparedara, havia afinal compreendido mal as modificações a empreender. E, se bem se lembrava, José Artur não lhe falara na necessidade de ampliar a área.

Portanto, foi preciso voltarem os trabalhadores todos ao armazém, para carregar a carrinha com pranchas, tubos de andaime, martelos pneumáticos e picaretas de vários tipos e tamanhos. E, como entretanto os estômagos começavam a dar horas, decidiram despachar logo esse assunto também, no que esperavam vir a ser considerado uma prova da sua eficiência.

À tarde, um dos serventes já não apareceu, por causa de um filho adoentado. Mas o trabalho arrancou na mesma, o que parecia promissor.

José Artur esteve por ali um bocado, enquanto os homens desimpediam o chão, montavam o contentor para o entulho e testavam a eficácia das ferramentas. Ao fim de algum tempo viu um deles ligar o martelo pneumático e achou melhor retirar-se, para não enlouquecer.

Passou as horas seguintes ao computador, pesquisando, imprimindo e agrafando, a ver se compensava o tempo perdido ao longo das semanas em que estivera sem electricidade. Se lhe ocorria pôr-se a aprofundar o que lia, de esferográfica em riste, cedo tinha de abandonar a tarefa, de tal maneira era ensurdecador o barulho proveniente da cave.

Até que se fez silêncio. Depois esse silêncio acentuou-se. Foi-se prologando.

José Artur sentiu logo que algo estava errado. Faltava demasiado tempo para o fim do expediente – mesmo aqueles mestres em particular, tão obviamente dados à lassidão, sentir-se-iam agora renitentes em abreviar uma jornada de tal modo acidentada.

Dali a pouco tinha o empreiteiro a bater à porta, com um ar encolhido e o boné dobrado na mão. Um pombo bateu as asas por entre as folhas do plátano, voando para longe. A imobilidade tornou a instalar-se. Só então Jacinto conseguiu articular:

– Eh, huóme, é melhor vires ali abaixo ver uma coisa.

003.

– Mas, diga lá, o que achou do dérbi de ontem? – perguntava agora na direção de José Artur o polícia maior, numa voz cavernosa.

Trazia galões nos ombros e a cabeça descoberta, e quem o olhava de repente julgava ter entrado em rota de colisão com alguma coisa de colossal deslocando-se ao seu encontro. Assobiou.

– Grande jogo. Qual é a sua cor? – insistiu, e continuou com a tarefa, como se organizar ossos humanos e pôr-se a reconstituir a estrutura que um dia haviam formado, imaginando a pessoa que se sustentara sobre eles e as razões por que morrera, fosse coisa de todos os dias.

José Artur veio até à porta da garagem e levantou os olhos para oeste, no sentido da serra que se estendia para lá dos bosques. O vento empurrara a neblina para longe e o ar secara um pouco, ameaçando frio.

«A que se reduz, no final, uma pessoa?», perguntou-se. «Um pequeno amontoado de ossos, sem cheiro e quase sem peso: entre o que resta desse corpo e o que lhe falta para uma pessoa inteira, onde se encontrará ela agora?»

– Mas, então – voltou a conversar lá de dentro o chefe, remexendo nas pedras –, é para abrir isto tudo e fazer uma divisão só? Tem licença para a obra? – E apertou os lábios, trocando um olhar com o agente que o acompanhava, como se reprimisse uma gargalhada.

José Artur virou-lhe costas e saiu.

Do outro lado da estrada, um homem de camisa aos quadrados e pasta a tiracolo ergueu-se do muro a que estava encostado há algum tempo. Atravessou o largo, tentando espreitar através da porta entreaberta.

– Boa tarde. – Estendeu a mão. – *Diário Insular*. Mário Gil Bettencourt. Pode-me chamar Mário Gil, se quiser.

José Artur cumprimentou-o, hesitante. Estava frio, agora, frio de verdade para um dia de Verão, e ter os jornalistas envolvidos naquilo fazia-o sentir-se mais enregelado ainda.

– José Artur Drumonde, não é assim? – disse o homem. – Ou deveria antes chamar-lhe José Artur Carrapicho?

José Artur olhou-o melhor: metro e meio mal medido, nariz emper-tigado, olhos num sobressalto. Dir-se-ia que farejava, se o seu aspecto não fosse antes o de um buldogue, mais vocacionado para uma luta corpo-a-corpo do que para o exercício do olfacto.

– Chame-me como quiser. Não creio que haja aqui alguma coisa que lhe interesse.

O homem estacou. Arrumou o pequeno gravador na pasta, e fê-lo com uma expressão teatral, de que manifestamente pretendia tirar dividendos.

– Uma criança? Tantos anos depois? Nesta casa? Com certeza que me interessa. – E baixou a voz, como se a presença dos polícias ao fundo, trabalhando agora calados, desaconselhasse aquele diálogo. – Porque se pôs a escavar aqui na garagem?

José Artur franziu o sobrolho. Levou a mão ao bolso e tirou o maço de *Além-Mar*.

– Obras de ampliação – disse, desconfiado ainda. – Não tenho licença. Mande-me prender. – Levou um cigarro à boca. Procurou o isqueiro.

O jornalista fixou-o nos olhos, satisfeito por, apesar de tudo, ter sido estabelecida a comunicação. Fez um trejeito.

– Trinta e cinco anos... Quem haveria de dizer? – E fitou-o de novo. – Ah, mas eu sabia que valia a pena esperar!

José Artur tirou o cigarro da boca, sem o acender.

– O que é que quer dizer com isso?

Lá dentro, o chefe e o agente trocaram uma instrução em voz alta. O jornalista desconversou de imediato:

– Não li, não. *Carnavais Portugueses*, diz o senhor? – perguntou, num tom demasiado deliberado. – Não, não li. Não sou muito de ler. Vejo é muitos filmes. Sou capaz de ver seis, sete, oito filmes num fim-de-semana. Vejo e revejo. Ler, nunca gostei. Às vezes começo um livro, mas aborreço-me. Vejo é muitos filmes.

José Artur sacudiu a cabeça, perplexo.

– De onde veio isso agora?

Mário Gil Bettencourt tornou a espreitar através da porta, na direcção dos polícias que continuavam a trabalhar na pequena ossada. Murmurou:

– Eleutério Toste. – E fez sinal com a cabeça.

– Como?

– Esse cabrão. Pergunte por aí e logo vê.

– Ah, sim. Chefe Toste. O que tem?

– Acha que um homem passa a ser confiável apenas porque, antes de sair de casa, veste uma farda azul?

José Artur respirou fundo. A dor no cotovelo direito tinha regresado, e agora estendia-se-lhe pelo antebraço. Sentiu-se muito cansado.

– Ouça, cavalheiro, como vê estou bastante ocupado. Se me permite...

– Ah, faz bem, faz bem – interrompeu o jornalista. – Claro, são muitos anos. Eu também estaria preocupado.

José Artur revirou os olhos. Fez menção de entrar, mas entretanto o chefe saía à sua procura.

– Professor doutor Drumonde – declamou, com um ar de gozo. Parecia sempre prestes a rebentar de riso, como se qualquer coisa pudesse deixá-lo à beira das lágrimas: a chuva e o sol, uma ameaça de fiscalização a uma pequena obra doméstica ou o choque de um grupo de trolhas perante a descoberta de uma ossada de criança. – Quais são os seus planos para o resto do dia? Vamos precisar de mais um bocado aqui. A malta da técnica está atrasada.

«Demore o tempo que precisar», ia a responder José Artur, mas já Mário Gil palavra outra vez:

– Pedro Francisco. Deve ter ouvido falar. Um metro e noventa e oito de homem. Raptado num dia de Pentecostes, na freguesia do Porto Judeu, e levado para a América. George Washington não teria ganho a guerra sem ele. Irmão do tetravô do meu bisavô. Tenho a árvore genealógica pronta. Porque é que não escreve um livro sobre ele?

O chefe pareceu deter um olhar no homem, desconcertado.

– Demore o tempo que precisar – atalhou José Artur.

O polícia cofiou o queixo.

– Muito bem – disse, num sorriso parvo. – Antes do jantar, acabamos de certeza. De barriguinha vazia é que não dá.

José Artur sentiu nova pontada no cotovelo. Virou-se para trás, agarrando o braço.

– Bom...

O jornalista certificou-se de que os polícias não o ouviam. Sussurrou:

– «Bom» é como quem diz. O senhor sabe bem de que ossos estamos aqui a falar. – Chegou-se mais perto dele. – Sabe a quem pertencem e, quando encaixar que apareceram na garagem do seu avô, num aterro feito pelo seu avô, então vamos ter de conversar.

Ergueu os olhos lá para dentro. Inclinou-se na direcção de José Artur.

– Para já, é melhor dar-lhe um dia ou dois, para acertar as ideias. – Compôs a pasta ao ombro. – Eu telefono.

Entrou no automóvel, ligou o motor e desapareceu estrada abaixo.

O céu tingia-se agora da luz oblíqua do ocaso. José Artur fechou os olhos, aspirando o remanso e a terra fresca. Nenhuma outra hora do dia o reconfortava como aquela em que tudo se misturava e fundia, numa mesma fluidez melancólica. Gostaria de estar ao computador, em paz, a esboçar hipóteses. Gostaria de poder recomeçar o dia e não ter iniciado aquela escavação.

Voltou para dentro e, pela primeira vez, viu os ossos dispostos como um esqueleto inteiro – os pés pequeninos, as pernas muito curtas. Faltavam ainda algumas costelas e um braço permanecia incompleto do cotovelo para baixo. Havia neles algo de frágil e de estóico. Sentiu vontade de chorar, e foi como se, por um instante, quisesse ser aqueles ossos, o corpo que eles formavam, outro corpo qualquer.

– E o resto do braço, ó Vieira? – perguntou o chefe, e a rudeza com que o perguntou doeu-lhe.

Lá fora, um relâmpago rasgou os céus, iluminando os três homens. O trovão ruge ao longe, mas foi como se tivesse explodido dentro da própria cave. José Artur estremeceu.

O agente tirou do bolso uma fita métrica e esticou-a sobre a pélvis da criança. O chefe apontou a máquina fotográfica, agora com um semblante sério. Abriu os olhos, numa repreensão silenciosa, e o agente apressou-se a corrigir a posição da fita.

José Artur perguntou-se o que seria mais sinistro, se o ânimo gelatinoso do chefe, se o servilismo amedrontado do subalterno. Depois inspirou fundo, passou a mão na cabeça e soprou todo o ar que tinha nos pulmões.

– Não vale a pena. É uma menina.

004.

A noite cerrara-se depressa sobre a Terra Chã, e a tosca iluminação dos troços onde não havia casas de habitação obrigava-o a subir às cegas a estrada a que davam o nome de Fonte Faneca, a partir do lugar dos Dois Caminhos. Afinal, a chuva caíra com estrondo mas demorara-se pouco, impelida no sentido dos grandes cones vulcânicos do interior da ilha. O cheiro doce do húmus, aquela delicada combinação de erva molhada, leite morno e bosta de vaca, provocava-lhe uma inesperada sensação de bem-estar.

«Sim, pode amar-se uma casa como se ama uma pessoa», decidiu José Artur, mas não saberia dizer se o segredo que aquela guardava nas entranhas teria sido sempre parte do mistério que o levava a amá-la.

Acabou de subir a estrada até ao entroncamento a que chamavam Serra, à sombra do promontório do Charcão. O vento fez chiar o pequeno portão de ferro, muito enferrujado. Deixou o silêncio abater-se, deu meia-volta e tornou a fazê-lo estatelar-se contra o muro lateral.

José Artur subiu a escadaria, empurrou a grossa porta de pinho-de-flandres e entrou, segurando a aldraba para não acordar Maria Rosa. Atravessou a cozinha em direcção ao armário, mas não encontrou mais do que um pacote de bolachas sem glúten nem sabor. Desalentado, foi ao frigorífico e esticou a mão para o mesmo frasco de geleia de malaguetta a que recorrera umas noites antes.

Sentou-se a mordiscar as bolachas e a geleia, tentando empurrá-las com um resto de chá ainda morno no fundo do bule, e deu-se conta, ao longe, do murmúrio compassado de Luísa. Percorreu o corredor sem fazer ruído, assomou à porta da sala e encostou-se à ombreira,

não totalmente clandestino, mas determinado a não impedir a miúda de adormecer.

– *Há muito, muito tempo* – lia a senhoria –, *morava na cidade de Angra do Heroísmo um fidalgo que tinha uma única filha. Desde o dia em que nascera, a jovem estava prometida ao filho de um amigo do pai. Quis o destino, porém, que se apaixonasse por um rapaz muito trabalhador, mas com uma condição social muito...*

– Não! – cortou Maria Rosa, e arrastou a sílaba, como num coro escolar. – Não quero de amor, mãe. Conta uma de almas penadas!

Luísa puxou o livro contra o peito.

– De almas penadas, não, que não dormes.

Do sítio onde estava, José Artur não podia ver-lhe a face. Via-lhe o lóbulo da orelha, a curva do pescoço, um relance dos ombros pintalgados.

– Então de feiticeiras! Então de feiticeiras! – insistiu a miúda, demasiado excitada para a hora de deitar. Tinha o rabo-de-cavalo desfeito, o cabelo muito penteado atrás das costas, e desfizera-se do colo da mãe para pôr-se aos saltos sobre o sofá, numa súplica que era um ritual entre elas.

– De feiticeiras também não. Pode ser de ilhas encantadas?

– Não, mãe. Conta de feiticeiras!

Luísa arrepanhou os lábios, divertida. Acenou a cabeça de uma maneira que lhe iluminou as pequeninas sardas negras.

– Pronto, eu conto uma de almas penadas. Mas só se for de Santa Maria. Pode ser?

E a garota, pulando ainda, num frenesi infantil:

– Conta a da filha do padeiro! Conta a da filha do padeiro!

A mãe suspirou, impotente:

– Do moleiro!

E Maria Rosa fez a sua gargalhada, tapando a boca num prazer culposo.

À porta, José Artur quase sorriu. Não eram só as crianças que gostavam de histórias repetidas. Talvez a isso nos resumíssemos todos, pensou: ao conforto de um caminho já trilhado, que nos leva de regresso a casa.

A mulher reabriu o livro. Virou algumas páginas, com os dedos delgados. Deitado aos seus pés, *Papillon* pousou a cabeça, pacificado. José Artur susteve a respiração.

– *Há muitos, muitos séculos* – leu Luísa, devagar –, *vivia em Santa Maria um pobre e honrado moleiro, na companhia da mulher e da filha. Certa noite, a jovem saiu de casa e nunca mais foi vista, apesar dos esforços dos pais e dos outros habitantes da freguesia para a encontrarem.* – Fez uma voz cava. – *Depressa surgiram várias hipóteses para explicar o misterioso desaparecimento. Uns diziam que a jovem se tinha atirado ao oceano e outros que tinha sido encontrada pelas bruxas que, de tempos a tempos, passavam por aquele lugar...*

Parou a inspeccionar o rosto da filha, certificando-se de que já dormia. Levantou-se com cuidado e, ao preparar-se para a erguer no colo, deu de caras com José Artur.

– Ah, está aí, senhor professor.

Ele percebeu que fingia. Era má a fingir.

– Quantas vezes vai ela querer ouvir essa história? Ou é para si que a lêem?

A mulher devolveu-lhe uma expressão vazia e levantou Maria Rosa com custo. José Artur fez um gesto solícito, mas ela esforçou-se por ignorá-lo. Tinham gerado aquela dinâmica e agora já não havia nada a fazer.

– Boa noite – concedeu por fim a mulher, e atravessou a sala com a pequena ao colo, muito erecta, como se nenhum homem pudesse intrometer-se entre ela e a filha, aquela criança que crescia a olhos vistos e, porém, permanecia sob a sua protecção.

José Artur continuou ali, a olhá-las. Luísa calçou os chinelos deixados no corredor, com os seus modos pausados, e Maria Rosa desceu do colo dela, cambaleando a caminho do quarto sem dar sequer pela presença dele. Eram diferentes: a filha loira e festiva, pujante de excitação e de entusiasmo, a mãe morena e triste, belíssima por detrás das longas pestanas negras que se projectavam como sintomas de uma outra pessoa que quis evadir-se mas cristalizou.

Como seria ver o mundo pelos olhos dela? Que cores ganhariam as coisas – que sombras, que mistérios?

José Artur voltou para a cozinha, o cão seguindo os seus passos pelo corredor. Acariciou-o e sentiu-se triste.

Na manhã seguinte já toda a freguesia teria tomado conhecimento do esqueleto encontrado nessa tarde, na cave da velha casa do avô, a que ainda agora começara a chamar sua. Haveria perguntas, com certeza, e depois ainda seria preciso explicá-lo a Luísa e a Maria Rosa, antes que a má-língua e as superstições gerassem o alarme.

Sabia que os seus problemas apenas tinham começado, e não era evidente para ele que continuasse a haver uma razão para se deixar ficar naquela terra. Mas, de qualquer forma, ele próprio acabaria por ter de enfrentar a descoberta daqueles ossos, o significado do local onde haviam sido encontrados e a própria memória da sua proprietária.

Elisabete.

Capítulo II

Ilha Terceira

1980

005.

A sua história com Elisabete começara bastante antes de se verem pela primeira vez. Meses antes, pensando bem: mais precisamente às quinze horas e quarenta e dois minutos do dia um de Janeiro de mil novecentos e oitenta – o dia em que a terra tremera, levando com ela o que restava da sua infância.

Só na manhã do dia seguinte José Artur se apercebeu melhor do que se passara. Saiu à rua com o avô, os dois muito agarrados um ao outro, como se ele não fosse já um rapazola de nove anos e José Guilherme tivesse deixado de ser o homem vigoroso que, nessa mesma noite, se debruçara sobre uma cadeira, com as costas viradas para a rua, a servir de porta ao oleado amarelo sob o qual tinham dormido.

Mas, então, pôde vê-las, às casas. Tinham-se desmoronado quase todas e as ruas assemelhavam-se ao que, na altura, ele imaginava ser a superfície da Lua. Paredes haviam aluído por completo e outras seguravam-se num equilíbrio instável, telhados sem sustentação pareciam prontos a ruir e automóveis jaziam pelas bermas, soterrados.

Mesmo assim, não teve logo a certeza do que aquilo significava. Nem sequer se tornou de imediato evidente para ele o tipo de tragédia que se abatera sobre o seu povo. Mesmo hoje, passados trinta e cinco

anos, dava por si a esforçar-se por reconstituí-lo em pleno na sua mente. Muitas vezes, só lhe restavam os números. Os números podiam, às vezes, disfarçar-se de memória.

Mais de doze mil casas destruídas. Para cima de vinte mil desalojados. Magnitude local de sete vírgula dois graus Richter, efeitos sobre as estruturas naturais e edificadas correspondentes a nove pontos Mercalli. Epicentro a dezanove milhas náuticas a su-sudoeste de Angra do Heroísmo e a dez quilómetros de profundidade. Setenta e três mortos entre as ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge – o maior sismo ocorrido em Portugal desde o devastador terramoto de Lisboa, havia mais de duzentos anos.

Duzentos e vinte e cinco, precisavam os números.

E, apesar disso, não o sentira. Não se dera conta sequer de que a terra lhe tremia debaixo dos pés. Podia jurar que não tremera. Tudo aquilo de que no momento conseguira aperceber-se fora do medo à sua volta. E, de súbito, caíra a noite.

Naquele segundo dia, de mão dada com o avô, ouvindo o clamor com que as mulheres respondiam ao que pareciam ser novas réplicas, e de que ele continuava sem se dar conta, tentou fixar-se na casa dos Poeiras, no lado oposto do largo dos Dois Caminhos, mesmo em frente à casa da sua infância. Olhou a empena periclitante e o sobrado que a fachada caída deixara a nu, ambos muito sujos pela lama em que a chuva começara a transformar o pó. Fixou a fotografia de uma idosa, muito torta, pendurada solitária a meio da parede descarnada que se desmoronaria em breve.

Uma bisavó. Uma tia velha que repreendia os ressentimentos entre os seus – aquela fotografia haveria de o acompanhar durante décadas, antes e até depois do regresso à ilha.

No primeiro dia do ano de mil novecentos e oitenta, desabara afinal mais do que o véu que cobria a miséria de cada casa. Em vinte segundos apenas, desabara tudo o que aqueles homens e aquelas mulheres haviam construído durante séculos. Desabara a intimidade, mais do que o segredo.

E só nessa altura, ao olhar para aquela fotografia, José Artur ganhou consciência da agitação na sua própria casa, na tarde do dia anterior: o almoço tristonho, o grito súbito da avó, de mão no peito – e

logo a correria, ele próprio transportado em ombros para a rua, com a mãe de um lado e o avô do outro. A família toda no quintal, abraçada, a olhar para a casa cujo tecto ondulava até, por fim, se deixar cair. Os pais partindo de imediato freguesia fora, à procura de feridos. A avó agarrada ao peito ainda, como se os próprios gritos lhe faltassem agora.

E ele sem sentir a terra que tremia. Sem ouvir sequer o ronco que provinha das suas entranhas – apenas o som dos calhaus rolando uns sobre os outros, e o alvoroço das gentes na estrada.

De repente, aquele bramido em particular, rasgando a quietude que se seguiu. José Guilherme rodando a cabeça, como se a houvesse desarticulado do corpo. O que restava do telhado da casa do vizinho Cândido desaparecendo a destempo por detrás do muro que a dividia do quintal dos avós. O povo acumulado agora em torno desse escombro, numa angústia.

E José Guilherme correndo para o interior da casa, que respirava ainda. E José Artur projectando-se atrás dele. E uma criança pequena chorando, presa sob um tirante que a esmagava.

A casa como se respirasse, afita, pedra miúda escorrendo em todas as direcções. O vizinho Cândido lá fora, pranteando o pavor que o impedia de socorrer a própria filha.

Vagas imagens apenas, como na fotografia desbotada daquela tia velha. O avô tentando equilibrar-se por entre os destroços. José Artur ouvindo enfim o som da sua própria voz:

– Vavô!

E José Guilherme sacando da navalha de bolso, e cortando depressa os fiapos de roupa que prendiam a criança aos pregos destacados nas tábuas revolvidas. E escorando com as costas o tirante atravessado. E gritando:

– Sai daqui, Artur! Sai daqui!

E gemendo de esforço e de medo:

– Pela tua saúde, Artur, sai daqui! Sai daqui, pequeno!

E conseguindo soltar a criança. E agachando-se muito devagar, para pousar o tirante sem fazer aluir o que restava. E arrastando o corpo por entre as pedras, e José Artur arrastando-o agora com ele.

Quanto tempo demoraram a sair, não percebeu. Assim que cruzaram a ruína em que a porta da casa se transformara, esta tossicou pela última vez e deixou-se cair em definitivo.

Mas já os dois corriam para o *Boca de Sapo* verde-garrafa, com a criança ao colo. O carro ergueu a suspensão demasiado lentamente, a parte de trás e a parte da frente – e partiram freguesia abaixo, José Artur sentado no banco de trás, com a cabeça da menina sobre os joelhos, em sangue.

(Raquel. O que seria feito de Raquel?)

O automóvel investia contra os montes de pedras, como se os tentasse escalar. A poeira que se levantava da terra e das casas impedia-os de respirar. E, de cada vez que davam por si em novo beco sem saída, pessoas gemiam em resposta a mais um sismo de que toda a gente se apercebia, menos ele.

– Vavô! – gritava. – Depressa, vavô!

O povo reunido aos magotes, alvoroçado. Ruas interrompidas. O mar que parecia ter desaparecido, quando julgava poder avistá-lo, ao subirem pelas estradas sobranceiras à cidade. José Guilherme esmurando o volante, como se assim pudesse ordenar às casas que recuassem e se reconstruíssem e os deixassem passar com aquela criança a morrer.

(A pequena Raquel. O que seria feito de Raquel?)

Até que perceberam que não podiam continuar e se apearam os dois, com a criança suspensa. E correram, correram, correram na direcção do serviço de urgências – várias centenas de metros ainda, Raquel tossindo baixinho, ao colo de José Guilherme.

E depois parando de tossir. Não emitindo som nenhum, como se não pudesse aguentar mais.

(O que seria feito de Raquel?)

Um bulício de macas e de gritos e de protestos à porta do hospital. Raquel acolhida finalmente pelos enfermeiros. José Guilherme parando para recuperar o fôlego, agarrado ao peito. E a terra que tremia ainda nos olhos das pessoas, sem que José Artur pudesse senti-la.

006.

Foi um tempo de dissolução de costumes e de afectos. Mas José Guilherme Drumonde, a quem chamavam O Carrapicho, não esgotara ali as suas forças. De maneira que, quando lhe apareceram no quintal três militares a propor a instalação do clã no acampamento social do Bailhão, à entrada da cidade, chamou a mulher a um canto.

O frio de Janeiro brotava como que da própria terra e Maria Edite carpia baixinho.

– O que é que dizes, Mariquinhas?

– Digo que isso há-de ser uma pouca-vergonha, nesses lugares por aí abaixo, tudo enriçado uns nos outros... – Ergueu os olhos para ele, numa súplica: – Portanto, antes dormir debaixo deste oleado o resto da vida do que ver a nossa família escangalhada.

E José Guilherme virou-se para os homens, no mesmo modo temperamental e compassivo com que fazia quase tudo:

– Preferimos tendas em condições aqui para o cerrado. Se algum dia chegarem, cá estaremos.

Os primeiros dias, tanto quanto José Artur podia lembrar-se, tinham sido os mais difíceis. Com os pais retidos no hospital, onde trabalhavam sem interrupções todos os médicos e enfermeiros da ilha, passara a viver quase em exclusivo na companhia dos avós e de dois tios velhos, todos juntos sob aquele exíguo rectângulo de plástico. As lojas e as mercearias haviam derrocado, os fornecimentos de água e electricidade continuavam interrompidos e o gás sofria constantes rupturas de *stock*, obrigando as famílias a racionar o que restava nas botijas.

Partilhavam-no umas com as outras, quando podiam, e de outras famílias ainda recebiam leite morno, nos casos em que havia vacas de criação, ou peixe seco. Não havia telefones.

A dada altura, porém, José Guilherme conseguiu encontrar entre os escombros da casa duas sacas de farinha, e, escorando o que restava das paredes com barrotes retirados do entulho, arranjou uma forma de abrir caminho na direcção do forno de lenha. Então, Maria Edite

equilibrou-se como pôde e cozeu uma fornada de pão de casa que os deixou a todos desconfiados, família e vizinhos, de que não tinham morrido ainda.

Ao fim das primeiras semanas, o Exército conseguiu fazer-lhes chegar três tendas de campanha, que o avô montou numa tarde junto ao muro oeste do cerrado, sob os abrigos de faia-da-terra. A escola reabriu, ainda que com horário condicionado, e tanto o pai como a mãe começaram a tirar uma folga de vez em quando.

Num desses dias, José Artur foi com a mãe a Angra, ao armazém de roupas usadas que as obras de caridade faziam chegar à ilha, e veio de lá vestido com um pequeno fato de bombazina castanha. Graciete deu-lhe a mão e levou-o a ver o mar. Sentaram-se lado a lado, as ondas investindo contra o cais sob o edifício da Alfândega, de que o avô se reformara havia tão poucos anos ainda, e José Artur decidiu dizer a si próprio que tudo ia ficar bem.

Ou talvez a sequência dos acontecimentos não tivesse sido bem essa. As coisas confundiam-se na sua cabeça.

O facto é que, passadas algumas semanas, os avós ganharam confiança na solidez da atafona, agora que as réplicas escasseavam, e mudaram para lá a cama e o fogareiro. Os tios velhos instalaram-se no acampamento social, e os primeiros raios de sol da Primavera trouxeram um camião carregado de tábuas, traves e telas de alcatrão, agrupadas em embrulhos grandes, cada um deles com uma etiqueta a dizer (José Artur ainda se lembrava de cada letra, tantas horas haveria de passar a olhar para elas, deitado na sua cama a ouvir o escuro) *Norsk Stave, Bryggen*.

A montagem foi uma folia. Ao segundo dia, juntaram-se-lhes vários vizinhos, disponibilizando força bruta, e as mulheres distribuía entre eles cálices de aguardente-da-terra e bolachas trazidas da venda dos Cabrinhas, agora reaberta. O sol brilhou durante uma semana sem parar. E, no fim, o celeiro norueguês, a que José Guilherme devotara os seus melhores conhecimentos de carpintaria e José Rúben toda a paciência que noutras circunstâncias lhe teria faltado, não parecia afinal um celeiro, mas uma casa – uma casa quase verdadeira, com uma porta,

uma janela e um pórtico sob cujo candeeiro, na primeira noite, haviam ficado todos a conversar.

– Amanhã dizes no hospital que eu não posso ir trabalhar, Rúben – repetia Graciete, numa excitação. – Nem amanhã, nem depois. Quero deixar tudo arrumadinho.

Mesmo assim, José Artur demorou a adaptar-se à nova casa. Ouvia barulhos, a certa altura até soluços, e além disso já se tinha habituado às tendas, onde se deixava ficar a ouvir o compasso do vento, com os pais conversando baixinho por detrás da cortina.

Às vezes acordava de madrugada, como que aflito, e dava-se conta de que estava a sonhar com palhaços, brinquedos de corda que se punham a funcionar sozinhos e caixinhas de música com melodias monócórdicas. Outras vezes, pela manhã, saía para o imenso estaleiro em que a ilha se transformara, retroescavadoras e gruas e camiões de transporte correndo acima e abaixo, e apercebia-se de que já não conseguia estar longe do celeiro.

– Estou preocupada com este rapaz, Rúben – ouviu certa vez a mãe dizer.

E, contudo, José Artur não via razão para alarme. Quando muito, sentia pena dos pais, incapazes de escutar aquele queixume, o seu timbre misterioso, o pranto e a inocência de que era mensageiro. Passou a deixar pedacinhos de comida junto ao móvel em que assentava a máquina de costura e, ao acordar de manhã, já eles não estavam lá.

O murmúrio prolongava-se, parava e recomeçava, como se procurasse corresponder às suas reacções ou então encontrasse um especial gozo em torturá-lo. Uma boneca sem cabeça aparecia no chão e, quando ele ganhava coragem para voltar a olhá-la, tinha desaparecido.

Até que, numa noite sem lua nem vento, um silêncio espectral instalado em redor, como um presságio, despertou com a mãe a abaná-lo:

– Filho! Mas o que é isso, filho? Não está aqui nada! Não está aqui ninguém!

E lá para dentro, aflita:

– Ó Rúben!

O pai veio da cozinha, arrastando os pés. Sentou-se na beira da cama, relutante, e tentou distraí-lo com caretas e mimetismos. Trocou um olhar com Graciete, expirou devagar e pôs-se a vasculhar em volta, abrindo armários e olhando na direcção dele:

– Vês? Não está aqui nada, filho. Não está aqui ninguém! – Mergulhava debaixo da cama, abria as arcas das roupas, batia com o cabo da vassoura nos cantos do tecto falso. – Não está aqui nada, vês? Não está aqui ninguém, José Artur!

Até que abriu a porta do móvel da máquina de costura. E, efectivamente, ela encontrava-se lá dentro, no sítio onde as costureiras alojavam as pernas – enroscada sobre si mesma, muito pequenina e suja, com o braço direito em torno da sua boneca sem cabeça, num lamento quase imperceptível.

– Elisabete? – surpreendeu-se José Rúben.

Mas talvez não tenha sido uma surpresa, pelo menos para José Artur.

007.

A miúda aparecera algumas semanas antes, pela mão de um tio, que viera pedir para ocupar uma das tendas deixadas livres no cerrado. Chegaram ao final de uma tarde de sol e de frio e sentaram-se sob o pórtico do celeiro.

– E aquela do velhote que sabia medir a força das réplicas? – voltou o homem. – Estavam dois velhotes sentados no Pátio da Alfândega e, de cada vez que havia uma réplica, um deles dizia: «Quatro vírgula dois», «Três vírgula nove», «Cinco vírgula um»... Pergunta o outro: «Eh, huóme, mas como é que tu medes isso?» E responde ele: «É conforme o cagaço.»

Riram-se todos, Elisabete dispersando o olhar entre os adultos, aturdida ainda.

José Guilherme tornou a encher o cálice de Paulo Jorge, que o bebeu de um trago e o pousou sobre a mesinha, procurando uma medida de ruído que ao mesmo tempo demonstrasse respeito e pedisse mais.

Contou histórias de catalepsias, ressuscitações e valas comuns descobertas ao redor da ilha, nos dias a seguir ao sismo. Pessoas haviam sido veladas como mortas e depois tinham saltado da urna durante a missa de corpo presente. Coveiros tinham sentido barulhos debaixo da terra e acorrido a desenterrar caixões, onde agora jaziam mortos de olhar vidrado e roupas rasgadas, como se se houvessem debatido por evadir-se.

– E outras foram enterradas ao monte, como bichos.

Apesar disso – explicou –, o povo ia reagindo. Várias freguesias começavam a preparar-se para o Espírito Santo. No Carnaval, um mês antes, já tinha havido até meia dúzia de bailinhos, quase todos com enredos sobre o próprio Abalo.

– Bom, isso é que é importante – suspirou José Guilherme. – O resto, tem de se dar um desconto.

Disse-o e ergueu-se, batendo com as mãos uma na outra e dando por encerrado o serão.

– Portanto, o meu amigo quer ficar numa das tendas, não é assim? Fica naquela da direita, ali contra o muro, que está mais protegida do vento norte.

Maria Edite pigarreou.

– José, posso falar contigo aqui uma pisca?

Tudo naquele tempo continuava a parecer-lhe perigoso e devasso. Ouvia as notícias do Rádio Club de Angra durante o dia inteiro, preocupada em absorver toda a informação sobre as operações de rescaldo e os planos de reconstrução, e embarcava num alarido temeroso sempre que José Guilherme saía para algum lado.

– Ai, meu Deus, o que é que vai ser desta terra? O que é que vai ser desta terra?

Só sair dali já lhe parecia um perigo, mesmo que apenas para deixar José Artur na escola, poucas centenas de metros mais abaixo. Quando o filho e a nora iam trabalhar, era um tormento. E deixar que estranhos se lhes juntassem naquele quintal, naquele cantinho de paz onde à noite podiam reunir-se todos, assustava-a ainda mais.

– José – rogou –, tu deixas entrar estes e amanhã há aí mais um monte deles para ocupar as outras duas tendas.

Toda a gente a podia ouvir, mas nem por isso Paulo Jorge reagiu. Estava consciente da subalternidade da sua posição.

José Guilherme olhou para a mulher. Sorriu. Nada aplacava os nervos de Maria Edite como o sorriso daquele homem.

– Mariquinhas, não podemos fazer nada. Eles vêm andando a pé desde o Raminho, dorme aqui, dorme acolá, e aquela criança está com fome.

– Mas é um bêbedo, José. E eu nem sequer sei se ela é mesmo sobrinha dele. Tu sabes?

Mas já José Guilherme partia cerrado dentro, com uma lanterna na mão, Paulo Jorge seguindo-o de perto, muito magro e curvado, com um saco de lona às costas. Tinha o bigode amarelecido pelos cigarros e um farelo branco escorria-lhe dos ombros. Inspirava pena.

Elisabete parecera primeiro surpreendida com aquele súbito rebuliço e depois correrá ao encontro do tio, agarrando-se-lhe à perna. Em nenhum momento olhara para trás. E a última vez que se falara neles, até ao dia em que a miúda reapareceu dentro de um móvel de máquina de costura, fora na manhã seguinte, quando José Guilherme acordara o filho e a nora, chegados muito tarde do turno, e lhes explicara que agora vivia ali uma criança subnutrida e que um deles devia fazer-lhe um curto exame.

– De preferência José Rúben, que sempre é melhor um médico do que uma enfermeira.

Anos mais tarde, José Artur haveria de recordar esse momento, o desdém com que o avô proferira aquela palavra, «enfermeira», como mais um sinal de que nem tudo estava bem naquela família. Entretanto, porém, começaram a chegar os operários e os materiais para a reconstrução da casa grande, a algazarra espalhando-se pelo quintal, e esqueceu-se de tudo o resto, absorto com a demolição do que restava do edifício, a abertura de novos alicerces e a promessa de uma festa para breve, por ocasião do enchimento da primeira placa.

Só José Artur e a avó pareciam menos entusiasmados do que era suposto. A sua casa de madeira fazia barulhos estranhos, e a circunstância de mais ninguém os ouvir, como ele próprio não sentia o tremor dos abalos de terra, só acentuava a sua solidão.

Quando, enfim, se voltou a dar conta da existência da miúda, os seus olhinhos pretos e tristes tremeluzindo à luz ténue do celeiro norueguês, algo dentro de si se alvoroçou. Tortura e libertação haviam chegado, afinal, por intermédio daquele mesmo ser pequenino e de cabelos desgrenhados. E, ao tornar a olhar Elisabete, enrolada na sua própria toalha turca, com as faces rosadas do banho geral que Graciete se apressara a dar-lhe, pareceu-lhe bela: uma linda menina de tez morena e cabelos compridos, de cujo braço amputado pelo cotovelo um rapaz podia esquecer-se, e que ele agora gostaria de poder levar a ver as gruas, os mestres do Continente, com os seus sotaques arredondados, e aqueles camiões grandes que faziam barulhos hidráulicos como os das naves espaciais.

008.

Começou então uma nova fase na relação de José Artur com aquele tempo e com aqueles escombros. «É preciso enxugar as lágrimas e arregaçar as mangas!», repetia, na rádio, o presidente do Governo Regional. E talvez, sendo ainda pequeno para trabalhar, ele pudesse ao menos mostrar um pouco do mundo àquela criança indefesa e ignorante, cujo tio não tivera o cuidado sequer de matricular na escola.

– Quantos anos tens, Elisabete? – perguntara-lhe, logo na primeira noite, Graciete, na expectativa de que a interação entre os dois pudesse trazer a menina de volta desse sítio onde se havia refugiado.

Elisabete não respondera, os olhos postos nele, mas ausentes, vazios. E também não respondera no dia seguinte. Nem no outro, em que José Artur viera da escola, pousara o saco com os livros de leitura e se fora sentar diante dela, decidido a despertá-la de uma vez, com perguntas e histórias e magias.

Até que, passadas três noites, José Artur abriu os olhos de manhã e tinha-a de pé ao lado da cama, mirando-o com penetrada, a mão direita bem aberta ao alto e o que lhe restava do braço esquerdo erguido ao lado, completando a contagem.